

ARTE, CURA E LIBERDADE: ENTREVISTA COM LOUIS OKÉ-AGBO

PAOLA BARRETO LEBLANC

ARTE, CURA E LIBERDADE: ENTREVISTA COM LOUIS OKÉ-AGBO

ART, HEALING AND FREEDOM: AN INTERVIEW WITH LOUIS OKÉ-AGBO

PAOLA BARRETO LEBLANC¹

paola.leblanc@ufba.br
<https://orcid.org/0000-0002-0660-9437>

Introdução

Por meio do programa de internacionalização Capes Print-UFBA tive a oportunidade de viver durante quatro meses no Benim, país da costa ocidental africana com o qual temos laços históricos e de sangue. Pesquisando sobre modos de concepção, criação e desenvolvimento de artes e tecnologias na região, encontrei um diálogo potente e complexo entre tradição e contemporaneidade. Atualmente o Benim está no centro de um intenso debate internacional sobre a restituição de obras que foram levadas de países saqueados por potências europeias no período de ocupação colonial. Esse debate atualiza e redesenha o papel atribuído aos museus e às tecnologias de registro, armazenamento e transmissão de conhecimentos em um cenário intercultural contemporâneo. Nesse contexto, realizei uma série de entrevistas com artistas, pesquisadores, conservadores de instituições museais e outros atores sociais atuantes no campo da cultura e do patrimônio no Benim, sendo esta, com o fotógrafo Louis Oké-Agbó, a primeira delas. A oportunidade de colaborar com a foto da capa e a entrevista desta edição, que apresenta “perspectivas para a emergência de um conhecimento vivo, diverso e integral”, me fez pensar que um ponto comum que atravessou minha experiência na África e as

¹ Artista, pesquisadora e professora adjunta no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, IHAC-UFBA, onde coordena, desde 2017, o Grupo de Pesquisa Balaio Fantasma.

conversas com novos colegas e colaboradores de pesquisa foi justamente a noção de multidimensionalidade. Não há aspecto da vida beninense que possa ser pensado isoladamente; as instâncias da família, da saúde, do trabalho, da festa e do luto são vividas em interconexão, e é assim que as artes, numa compreensão expandida, se constituem como processos de cura, cuidado, conexão ancestral. A própria ideia de ancestralidade não está referida a um gesto de deferência ao passado, mas a como viver aqui e agora desfrutando dessa herança, que é viva, em nós. Uma herança que não é apenas humana, mas mineral, cósmica. O culto ioruba à ancestralidade Egungun carrega essa ideia de transmissão e correlação entre mundos, e pode ser entendido como uma obra de arte total, que integra elementos de artes plásticas, indumentária, tambores falantes, poesia, dança, canto e magia, e que acontece em consonância com a interação do público, que desempenha papel ativo no acontecimento. No Benim as saídas Egungun acontecem em praças públicas e reúnem multidões que se aglomeram para saudar ancestrais invocados por tambores que falam, em um ritual de conexão entre vivos e mortos que também chegou ao Brasil, primeiramente por intermédio de populações escravizadas instaladas na ilha de Itaparica entre os séculos 18 e 19, e sofrendo, naturalmente, alterações ao longo do tempo. No Brasil o culto ganhou força e se perpetuou também no trabalho de um sacerdote reconhecido como artista, nosso venerável Mestre Didi,² que criou em Salvador o terreiro de culto Egungun Ilê Asipá, cujos ancestrais vêm da família Asipá, do antigo Reino de Ketu, no Benim. Em Porto-Novo participei de uma saída acompanhando um colega iniciado e munida de meu aparelho celular, quando me foi permitido registrar³ imagens. Optei por não estar com uma câmera profissional, pois não queria me caracterizar no papel de fotógrafa na cena, buscando, na medida do

² O caminho de artista de Mestre Didi a partir de sua inserção nessa sociedade cultural e religiosa é ponto que merece atenção dedicada e será oportunamente abordado em outro texto.

³ Relembro aqui o lema de Maria Bibiana do Espírito Santo, conhecida na Bahia como Mãe Senhora, ialorixá do Ilê Axé Opô Afonjá e mãe de Mestre Didi, que nos fala sobre os limites “da porteira para dentro / da porteira para fora”, como um modo de respeitar o que pode e o que não pode ser revelado àqueles que não sejam iniciados, determinando o que é da ordem pública e o que é da ordem do segredo.

possível, me misturar à comunidade. Realizei meus registros sem maior elaboração, como instantâneos feitos com o modo automático da câmera do celular. Uma das fotos que fiz me surpreendeu com um efeito que não soube explicar, como se o Egungun no centro da cena em segundo plano tivesse de algum modo prismado a figura do homem que atravessa o primeiro plano da fotografia, criando duas imagens dentro de um mesmo instante. Fotografei o que vi e captei o que não vi. Esse fato intrigante, um entre tantas experiências mágicas que lá vivi, se tornou para mim uma espécie de emblema para a ideia de que as artes, assim como as ciências e as tecnologias, são manifestações do engenho humano que se apresentam como possibilidades de diálogo com o mistério e o sagrado.

Entrevista com Louis Oke-Agbó

Esta entrevista com o artista beninense Louis Oké-Agbó foi realizada em fevereiro de 2023, no Centro de Arteterapia Vie et Solidarité, fundado e mantido por ele em Porto-Novo, capital do Benim.

Paola Barreto: Muito feliz em conhecer este espaço e agradecida por você poder me receber hoje aqui para esta conversa. Gostaria que você se apresentasse primeiro, falando um pouco sobre sua formação e como chegou até a criação deste espaço.

Louis Oké-Agbo: Meu nome é Louis Oké-Agbo, sou um fotógrafo artista. Veja bem, na África, se você é o mais velho de uma família, uma família polígama, se você é o mais velho de algum modo serve de cobaia para os seus irmãos. E foi assim que meu pai me solicitou, ainda muito jovem, para acompanhá-lo no trabalho no campo, para ir pescar ou então fazer outros serviços com ele. Não tive oportunidade de ir a uma escola para minha formação. Quando enfim, adulto, decidi me formar, naquela época, não havia escola de fotografia no Benim. Você se tornava aprendiz com alguém que já exercia o *métier* e, após três anos, recebia um diploma ou certificado que lhe permitia entrar na vida profissional. E vejo que essa

formação que fiz durante três anos se tornou uma paixão para mim, que me permitiu reconstruir a minha história e voltar-me para a riqueza da minha tradição, em que fotografava famílias, casamentos... Me formei em 1998, trabalhei alguns anos registrando a tradição e, em 2010, quando ganhei o primeiro prêmio nacional de fotografia no Benim, tive essa intuição de ser o porta-voz de pessoas abandonadas na doença. Esse primeiro prêmio, que fez o meu trabalho deslanchar, de alguma forma também me orientou a encontrar meu próprio equilíbrio. O fato de ter sido impactado por alguns choques na minha infância, dos quais trago algumas ansiedades, foi algo que também me direcionou para as pessoas em situação de abandono. Pensei comigo mesmo, como posso ser útil se não tenho como recuperá-los? O instrumento que me salvou e que me permitiu atender a essa urgência foi minha câmera. E assim propus a estas pessoas tirar uma foto delas. Claro está que há aquelas que aceitam, e há aquelas que recusam. Depois desse contato, quando faço o retrato, procuro retornar aos lugares onde moram esses doentes, para oferecer uma cópia do retrato de presente. E assim durante alguns anos, eu economizava o dinheiro de uma refeição para poder repassar os retratos a um fotógrafo que nessa época vinha à minha aldeia. Eu também gosto de guardar memórias, e comecei a guardar essas fotografias, compondo como um livro de memórias sobre saúde mental. Isso explica um pouco do trabalho que faço hoje neste centro de arteterapia onde acolho pessoas com deficiência.

Paola Barreto: Você se define como um fotógrafo artista, mas você trabalha com outros meios de expressão? Por exemplo a pintura?

Louis Oké-Agbo: Na verdade, não desenvolvi a pintura, mas usei a pintura como uma ferramenta de cura em meu Centro de Arteterapia. Eu parti da minha prática fotográfica para curar. E vejo a fotografia como uma ferramenta de comunicação que realmente me libertou. Porque em 2010, quando eu ganhei o primeiro prêmio de fotografia, todos os meus amigos

me abandonaram. Também tive dificuldades com a minha mulher, todos me tratavam como se eu fosse um louco.

Paola Barreto: Por que isso? O que aconteceu?

Louis Oké-Agbo: Eu me preocupei em ir até os doentes, andei na rua com minha câmera, todos me chamaram de louco e como os loucos são rejeitados... acabam naquele isolamento que cria danos às vezes irreparáveis na vida de um homem. Quando você é rejeitado por sua própria família, significa que você não está longe de entrar em um lugar onde é muito importante dar voz a todos, como uma palavra de libertação. E eu fiz esse trabalho sozinho pela minha profissão de fotógrafo, que começou, primeiro, por me recriar para, então, recriar o ambiente.

Nesse momento comecei a mudar a minha técnica, sobrepondo-me a elementos da natureza que são considerados divindades em nossa cultura, e assim expor os danos que as pessoas estão causando umas às outras e em nosso entorno; expor a degradação do meio ambiente, a degradação do ser humano, que está no centro da realidade, afinal. Foi aí que meu trabalho começou a mudar, com a técnica de sobrepor minhas fotos em 2010. Recriando a fotografia permiti que muita gente fosse curada. Como o trabalho que ofereço com as pessoas aqui. Significa que essa profissão que aprendi se tornou uma ferramenta de cuidado para mim e para poder cuidar de outras pessoas também.

Paola Barreto: Para a manutenção deste espaço, você recebe subvenção do governo?

Louis Oké-Agbo: Veja, existem pessoas como eu, um artista que tem essa compaixão de acolher os jovens em seu espaço. Mas é muito difícil. Eu criei esse espaço em 2017, e o espaço funciona por conta própria. Coloco minha câmera a serviço desse espaço, onde vendo minhas fotos e coloco grande parte do que ganho em sua manutenção. Há também artistas que vêm e

se oferecem para trabalhar com jovens, e são todos voluntários. Existe esse amor que os faz participar deste projeto. Nós, na África, vivemos em solidariedade. Existe esse entusiasmo pela solidariedade que permite ter o coração voltado para o outro. De resto, o espaço que criamos, desde 2017 nunca teve subsídios do governo, mas há pessoas na Europa que nos acompanham de vez em quando em projetos de sensibilização, organizando encontros internacionais sobre saúde mental, cultura e em que atores sociais são convidados a refletir sobre o tema. Tivemos algumas oportunidades de apresentar o nosso Centro de Arteterapia a instituições sensíveis ao nosso projeto para nos apoiar especificamente nessa vertente.

Paola Barreto: Eu li que recentemente aconteceu um encontro promovido por você em Cotonou, no Instituto Francês.

Louis Oké-Agbo: Sim, o Instituto Francês aceitou este ano sediar nossa conferência-debate para a qual convidamos um historiador de arte, um artista, um terapeuta e alguns profissionais da arte, que deixaram a França e a Bélgica para vir ao Benim discutir temas relacionados à saúde mental. E pensar, juntos, como a arte pode intervir nesse meio tão medicalizado, para ocupar um lugar de libertar o homem sem fazer uso de medicamentos.

Paola Barreto: É forte o que você propõe, pensar o seu ofício de artista como um ofício de cura, para tratar as pessoas. Mas quando pensamos no mercado da arte, isso não parece ser o que orienta as pessoas que ditam as regras no mercado da arte...

Louis Oké-Agbo: Bem, importante lembrar que hoje, no Benim, um artista não pode viver de sua arte porque não ainda há um mercado muito forte. Se você não é reconhecido ou não foi detectado pelo poder da arte, é complicado.

Paola Barreto: E hoje, no momento em que o mercado internacional se mostra tão interessado em pautar artistas africanos, também vemos a especulação em torno dessa produção aumentar, não é? Também no Brasil vemos o valor dos artistas indígenas subindo no mercado e isso também traz uma série de contradições com outros valores culturais. Como você vê esse equilíbrio entre uma arte que cura, voltada para a saúde da comunidade e as dinâmicas do mercado?

Louis Oké-Agbo: Para mim, não acho que todos possam ser artistas. Porque o artista ainda é uma vocação, a vocação de revelar o mundo; um artista que consegue criar a alma, com sua obra. Acredito que a arte é feita para educar, sensibilizar e reescrever a história. E é muito importante que seja assim. Eu, quando comecei a tirar as minhas fotos, não sabia se as pessoas iam aceitar, e que até um dia iriam comprar... Acho que esse mundo é um mundo hipócrita que não quer entender que o ser humano é o centro para o equilíbrio da vida no planeta e que os humanos devem se recriar para evitar os problemas que temos hoje. E vejo que na tradição beninense esse enlace é mais bem pensado, pois divinizamos os elementos da natureza. Onde há a terra, que é um elemento que as pessoas veneram no Benim; assim como o ar; o fogo; e depois a água. Isso é realmente o que a cultura vodun é para nós. E a composição do ser humano se faz a partir desses elementos. Quando você toma o ser humano, a sua composição reagrupa toda essa existência. A cultura vodun divinizou o meio ambiente e permitiu que o humano entrasse nesse jogo e se tornasse ou um adepto ou simplesmente venerasse cada elemento para mantê-los em equilíbrio. Se hoje temos grandes problemas, como a

mudança climática, guerras, todas as doenças por que estamos passando, é porque, por nossas necessidades, estamos destruindo, e os elementos estão descontentes conosco.

Por isso digo que o corpo humano e o corpo desses elementos é um e o mesmo. Agora o homem precisa se sobrepor a esses elementos para conseguir ver o estrago produzido por causa de necessidades criadas. Porque precisamos de telefones, precisamos viajar, precisamos nos vestir, precisamos de tecnologias... Será que o ser humano precisa mesmo de tudo isso para o mundo evoluir? Essa é a pergunta que devemos nos fazer, sobrepondo-nos novamente a esses elementos para nos curar. Caso contrário, um dia, talvez todos se tornem como a minha foto...

Você vê esta foto, a pele do homem se desfaz deixando entrever o que não vemos, o que escondemos com as roupas que temos. Mas dentro do homem há algo errado. Sofrimento, guerra, infortúnio.

É verdade que no mercado de arte existe uma força, o dinheiro, e o poder do dinheiro faz os artistas entrarem no jogo ao qual pertencem também os colecionadores atrás de novas obras. Respeito todas essas posições, mas vejo que nem todos podem ser artistas, no sentido de que o artista é um inventor, um criador que tem uma escrita, para reescrever a história. Estamos no século 21 e precisamos urgentemente reescrever esta história e é isso que procuro fazer pelo meu trabalho e pelos elementos que recolho.

Paola Barreto: Você falou sobre vocação e que nem todo mundo pode ser artista. Mas, além da vocação, há também a formação... Há autodidatas que pensam que as escolas de arte são um empreendimento colonial,



onde o artista africano estaria ocidentalizado ou poderia afastar-se da sua identidade...

Louis Oké-Agbo: Acredito que precisamos sim de escolas, acredito que uma formação pode nos ajudar muito. Por exemplo, poder escolher uma técnica que não seja dominada por todos. Uma técnica que pode ser um dom para um artista, mas para outro não, e precisam se formar em uma escola, isso é muito importante. Nós, os autodidatas, às vezes somos limitados na evolução da criação. É verdade que se você tem o dom da criação, se ele habita você e chega ao seu corpo, isso vai facilitar que você se expresse por esse meio de comunicação. Não é todo mundo, mas no mundo de hoje, em que a arte se tornou um ofício para muitas pessoas, precisamos de formação. E essa formação pode até vir para reforçar a capacidade dos autodidatas de hoje, que não tiveram chance quando se iniciaram nas artes. Não existia formação porque aqui no Benim, ao contrário de outros países no mundo, a arte não teve a chance de se beneficiar de uma política cultural. E você vê que é pelo trabalho dos artistas que finalmente estamos emergindo no mundo de hoje.

Paola Barreto: Você acredita que essa política que falta poderia ser tecida em conjunto com os artistas? Por intermédio da sua associação de artistas, com o apoio de organizações, governo?

Louis Oké-Agbo: Isso! acho que existem associações de artistas que favorecem, porque esse encontro nos permite pensar juntos, organizar oficinas, ir em direção à comunidade e também propor nos espaços urbanos, que se fortalecem como um patrimônio para nós.⁴ Na superfície dos muros de nossa cidade, os artistas começaram a se expressar, reescrevendo a história para permitir que as novas gerações acessem suas

⁴ Aqui Oké Agbo faz referência ao Projeto Eclosões Urbanas, coordenado pelo historiador da arte e artista audiovisual Gérard Barralé. "O projeto Eclosões Urbanas visa reabilitar e valorizar a excepcional rede de praças tradicionais vodun de Porto-Novo, patrimônio notável da capital do Benim. Numa abordagem participativa, artistas, comunidades familiares, usuários do *site*, artesãos, urbanistas e pesquisadores são envolvidos em todo o processo." Disponível em: <https://www.eclosions-urbaines.com/>. Acesso em 15 maio 2023.

próprias tradições. Penso que esse coletivo promove hoje a política cultural que existe atualmente em nosso país.

Paola Barreto: Isso é mesmo uma coisa que me chama muito atenção, algo natural aqui, mas talvez não evidente para certo modo de pensamento ocidental, essa relação entre as artes contemporâneas e a cultura vodun. Por exemplo, fui aqui em Porto Novo ao espaço vodun Djiihoué Comé onde há uma Rua dos Artistas que conta com obras permanentes e exposições temporárias de artistas do Benim e da diáspora. E também em Ouidah, no palácio do chefe supremo do vodun Sua Majestade Dada Daagbo Hounon 2, onde, em colaboração com o Laboratório Art Contemporains,⁵ muito tem sido feito nesse sentido. Você acha que se falamos de uma arte beninense hoje, ela deve necessariamente estar ligada à cultura vodun?

Louis Oké-Agbo: Acho que essa conexão é mágica. Você não pode fazer arte se não for habitado, entende? Se você está ligado à tradição, pode, e bem, falar sobre sua cultura; é algo inato. Mesmo que você não saiba, se te dão uma folha e um lápis, você desenha. Você vai começar contando sua própria história e é assim que se começa. Se você perguntar a essa pessoa o que ela vai desenhar, ela começa contando sua história. É esse processo que a gente usa no Centro de Arteterapia, de fazer terapia pelas artes. É permitir que uma pessoa doente, com zero medicação, se expresse através do desenho, da fotografia, da dança. Fomos recorrer à tradição, às danças tradicionais para reativar os corpos. Porque as pessoas com deficiência, como as pessoas com síndrome de Down, são consideradas divindades por nossa cultura. Elas foram divinizadas para permitir que seus filhos encontrassem um lugar na sociedade. Porque esta é uma sociedade pautada na tradição. Você encontrará um artista beninense que pode até ser enquadrado na arte contemporânea, mas existe a

⁵ Laboratório Arts Contemporains é uma plataforma de criação, desenvolvimento e cooperação multidisciplinar e intercultural atuando desde 2010 com escritórios no Benim, na Suíça e no Haiti. Disponível em: <https://laboratorio.art/>. Acesso em 15 maio 2023.

tradição que está ligada à sua criação. E se falo da minha tradição e do meu trabalho, há elementos que são divinizados, que são pequenos deuses que um beninense pode adorar, pode confiar e aceder a tudo o que decide na sua vida.

E você verá como há respeito pela diferença nessa tradição em que eu, como artista, fiz algumas análises. O fato, por exemplo, de um homem que é vodunche,⁶ ele vai desposar, como se diz, uma divindade da terra, que é masculina. Um homem se casa e se torna esposo desse elemento, que é vodun em nossa cultura, a terra, *Sakpata*. E os dois ficarão juntos. Um homem se manifestará por intermédio desse homem e se tornará seu esposo. Por isso digo que já existe uma compreensão da homossexualidade em nossa tradição. Você me entende? Bem, tudo começa a partir daí. Tudo começou em nossa cultura. Até a modernidade se inspirou na



tradição, para oferecer o que temos hoje. Se você tomar por exemplo o Fá, a arte divinatória. Alguns se inspiram nessa arte para poder fazer computadores, fazer *smartphones* para se comunicar. O Fá é uma ferramenta de comunicação para a gente visualizar o passado, o presente e o futuro. Para aqueles que sabem ler, bem entendido, que sabem codificar e decodificar. Veja os códigos da programação, essas ferramentas de comunicação têm sido usadas hoje para processar informações. São muitas as práticas que beberam na fonte na tradição africana e que hoje fazem a modernidade na Europa. Isso significa que devemos tentar encontrar esse elo a fim de melhor resolver nossos problemas. É a pura verdade.

⁶ Adepto do culto.

Paola Barreto: Quando você falou sobre codificação e decodificação, você falou sobre computadores e tudo mais, o que está dizendo exatamente?

Louis Oké-Agbo: O Fá é um sistema, ou uma linguagem, baseada em um código binário. E finalmente você vê que o temos hoje em tecnologias digitais começa a partir daí, não é? Então, se vamos criar um computador, isto é parte dessa arte divinatória, desse meio de comunicação com o sagrado, como uma forma de acessar informações. E é o vento que atua quando você joga o rosário⁷, é o vento – o ar – que faz o jogo acontecer. E tudo começa a partir daí. É isso.

Paola Barreto: Bem, creio que temos muito ainda a entender a partir daí, é um mundo que se abre...

Louis Oké-Agbo: Sim, e isso é muito bom.

Recebido em: 06 de abril de 2023

Aceito em: 15 de junho de 2023

⁷ A ferramenta utilizada no jogo do Fá, em francês é chamada *chapelet*, em português “rosário”. Flagrantemente uma sobreposição do catolicismo imposto pelo colonizador.